

PLACAR

N.º 873

23 DE FEVEREIRO DE 1987

CARO LEITOR



EDUARDO POZELLA

Betise, Gerardo e 45 gols

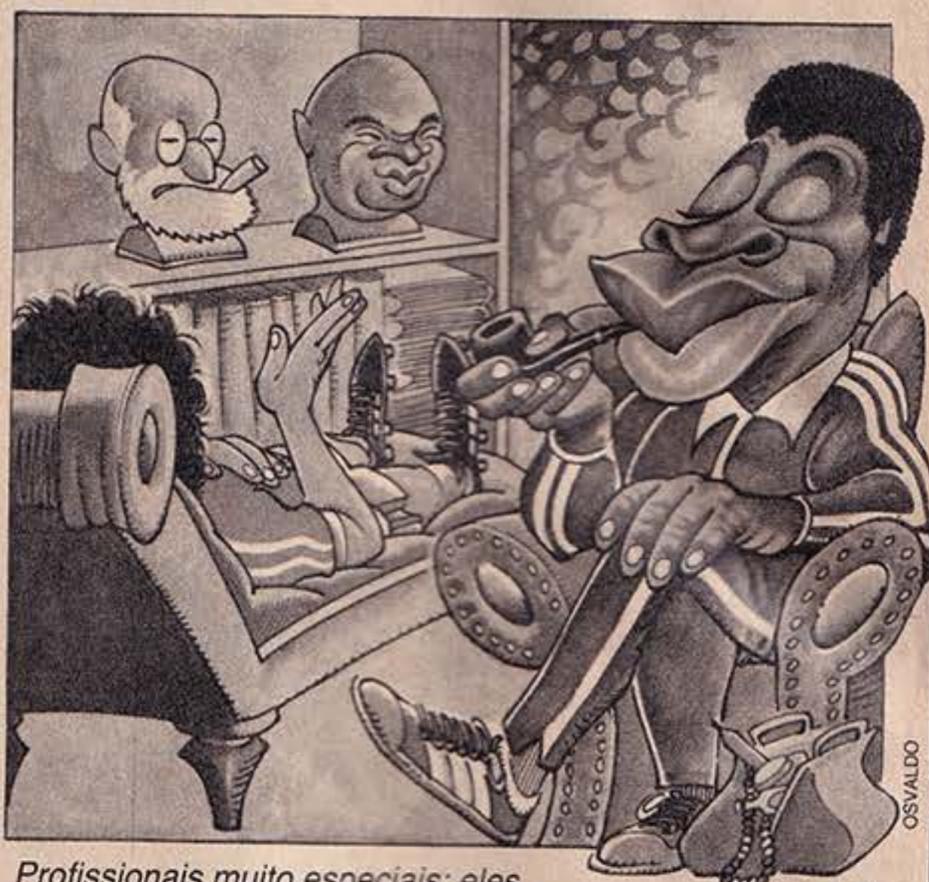
Reunir os dois maiores goleadores da Copa Brasil para uma reportagem em plena semana de decisão de vagas para a fase semi-final parecia uma missão impossível. A única chance seria juntá-los — contando com a ajuda da sorte — na manhã de sexta-feira, 13. A repórter Betise Assumpção marcou Careca sob pressão, para que ele não escapasse depois do treino do São Paulo. Gerardo Landulfo amanheceu em Campinas e deu plantão em frente à casa de Evair. Ao meio-dia, os quatro se encontraram no estúdio fotográfico da Editora Abril. Começou assim a história que você irá ler na página 34. Uma história de dois artilheiros e 45 gols.

Mário Sérgio Della Rina

P.S.: Em clima de decisão da Copa Brasil, a circulação de PLACAR na semana que vem será antecipada em um dia.

SUMÁRIO

Entrevista: Young Wan Sohn	9
São Paulo 1 x América 0	16
Juca Kfourri	23
Atlético Mineiro 0 x Guarani 0	24
De Primeira	30
A bela campanha do América	31
Evair e Careca, os artilheiros	34
Bola de Prata	37
Renato: outra vida no Flamengo	38
Esperanças gaúchas	42
Sport: Leão em novo picadeiro	44
Palmeiras: a mulher de Mendonça	54
RJ: Cabo-friense e Porto Alegre	56
SP: Bandeirante e Noroeste	60
A Semana	62
Loteria Esportiva	65
Tabelão, com escudinhos de botão	68
Basquete: Vânia Teixeira	76
Automobilismo: Lagartixa na pista	78
Onde Anda... o escudeto brasileiro	81



OSVALDO

Profissionais muito especiais: eles massageiam músculos e os egos dos craques — 46



PAULO SANTOS

Casagrande: o craque vence no Porto e acaba descobrindo Portugal — 51



SERGIO BEREZOVSKY

Forja de Campeões: aqui nascem as esperanças do boxe brasileiro — 70

PENALTY. PEN



COPA BRASIL

CARECA, SEMPRE NA HORA CERTA

Quase finalista, o São Paulo mostra que só um bom time não resolve: é preciso um artilheiro que decida

GRUPO

Z

O túnel de acesso ao vestiário do América já está escuro, mas o paciente técnico Pinheiro ainda dá entrevistas. “Quase conseguimos nosso objetivo”, lastimava-se a um insistente microfone. “Mas Careca...” Em seguida, desfiou um rosário de elogios idêntico ao ouvido quatro dias antes, no mesmo Morumbi, da boca de seu colega Antônio Lopes, do Fluminense.

Nada mais justificável. Nas duas ocasiões, o momento de definição passou pelo gênio de Careca. Na quarta-feira, um chute mágico, inesperado, abriu caminho na vitória de 2 x 0 que despachou o Flu. Domingo passado, outro lance individual





EDU GARCIA

do centroavante decidiu a partida, revertendo a vantagem do América, que jogava pelo empate.

“Tive sorte nas duas vezes”, concedia um humilde Careca, depois do jogo. Tão marcado pelos repórteres como tinha sido pela defesa do América, ele acabou submetido a situações prosaicas. Numa delas, teve de explicar a uma emissora de rádio que “pegar bem na bola é uma questão de treino, disposição e alegria”. O detalhe é que falava de baixo do chuveiro, fone devidamente instalado no ouvido, indiferente ao som de cachoeira que certamente embatucou os atentos ouvintes.

Tranquilo e bem-humorado, Careca enfrentou a blitz com galhardia. “O

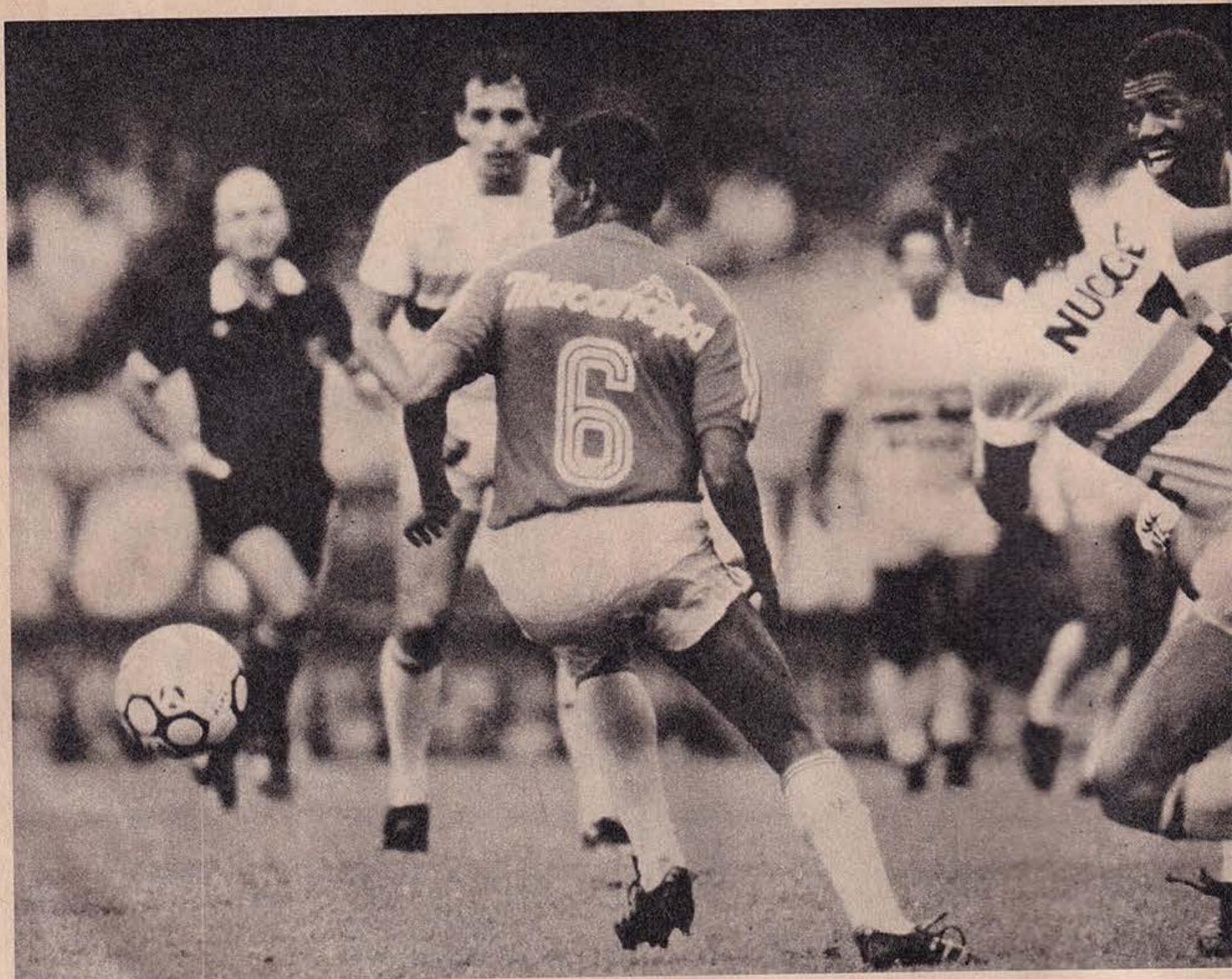


CLAUDINE PETROLI

Morumbi, 15 de fevereiro: aos 34 minutos do segundo tempo, uma jogada individual de Careca tira o São Paulo outra vez do sufoco

América é um time muito difícil”, reconhecia aqui. “Só que agora vão ter de sair”, completava ali. O assédio foi tamanho que o agora vice-artilheiro da Copa Brasil com 22 gols, um a menos que Evair, do Guarani (*leia na página 34*), teve de fugir do vestiário paramentado com apenas uma toalha ao redor da cintura. Mesmo ausente, porém, seu nome permaneceu no ar, citado por amigos e inimigos.

O inimigo zagueiro Nélio — que levou o terceiro cartão amarelo e será substituído por Marco Antônio, 18 anos, na segunda partida, nesta quarta-feira, dia 18, no Rio —, por exem- ▷



Müller, auxiliado por Bernardo e Pita: dificuldades para superar um forte esquema de marcação

"O homem é um inferno", admite o zagueiro Nélio

plo, simplificava as coisas: "O homem é um inferno", julgava, esquecido de que o diabo é o símbolo do próprio América. Já o amigo técnico Pepe lembrava que Careca, mesmo dono de um talento inegável, "treina como louco". Verdade. Antes de entrar em campo, o atacante passa meia hora às voltas com uma bolinha de tênis. "É para aprimorar o domínio", garante. No domingo, ele mudou de tática, prevendo a dura marcação: "Desta vez, fiz musculação".

Fê-lo bem, como diria o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros. Acompanhado invariavelmente por dois adversários, Careca brigou o tempo todo. Ainda na primeira fase recebeu cartão amarelo por ter dado uma cotovelada no lateral Polaco, um promissor bate-estacas. "Os caras o caçam o jogo inteiro", irritava-se Wágner. "Não sei como Careca agüenta", arrematava indignado. O próprio Careca dava a resposta: "O negócio é jogar bola. Quem sabe sabe", espetava o recado sem destinatário.

Quase toda a equipe do América poderia vestir a carapuça sem rodeio. O time limitou-se a aplicar uma, chamemos de estratégia, retranca deslavada. "Joguei de líbero", definia o go-

leiro Gilmar, do São Paulo, sobre a absoluta falta de trabalho que conheceu durante a partida. "Não demos um chute a gol", concordou o centroavante Luisinho. "Ainda bem que perdemos só de 1 x 0."

JOGUINHO FECHADO — O volante Müller, outro que levou o terceiro cartão amarelo — Serginho voltará ao time no Rio —, constatou a mesma coisa: "Não poderemos jogar mais atrás", lembrava, para recomendar a seguir: "No Rio, o melhor seria termos dois volantes, um em Careca, outro em Pita".

O conselho era desnecessário. Argumentando que não tinha "Pitas, Carecas e Müllers" — além de Silas, que



NELSON COELHO



NELSON COELHO

Silas (perseguido por Benê): "Se o América não sair para o jogo, melhor"



LEVI MENDES JR

não soube como botar no plural —, o técnico Pinheiro admitia que nada vai mudar. "Tenho de montar meu time com Ramóns", dedurava, prometendo para esta quarta-feira o mesmo joguinho fechado e irritante, porém funcional, que já desclassificou Portuguesa e Corinthians da Copa Brasil. "Não posso enganar ninguém: o que eu posso fazer é isso."

Apesar dos confetes ao adversário e do excesso de humildade, Pinheiro não é nada bobo. "O São Paulo é teoricamente muito melhor", ensinava já a caminho do ônibus da delegação carioca. "Mas nem por isso ganha antes de jogar." Único representante do Rio de Janeiro na fase semifinal, o América sonha finalmente sobreviver além

Os problemas de Müller: sem espaço para se movimentar, pouco rendeu



CLAUDINE PETROLI

Careca contra os zagueiros americanos: "Pegar bem na bola é uma questão de treino, disposição e alegria"

Agora, Pepe evita as palavras de entusiasmo

da praia. "Não foi um mau resultado", contabilizava a revelação Renato. "No Rio, vamos ganhar tranquilos", exagerava o lateral-direito Polaco, cujo entusiasmo pelas canelas adversárias espantara até mesmo o treinador Pinheiro: "Não sabia que o menino batia tanto: não gosto desse tipo de jogo, não". Pode até não gostar, mas diagnosticou a "falha" de sua zaga no gol de Careca do seguinte modo: "Ora, tinham de ter matado a jogada antes..."

Mas, se do lado do América se detectava até uma certa satisfação pela campanha do time, os tricolores reclamavam do resultado magro. "Já poderíamos estar bem mais próximos da Taça Libertadores", quei-

xava-se o técnico Pepe, lembrando-se exaltado de dois "gols feitos" perdidos por Silas e Pita. O treinador estudava muito as palavras, temendo novos tititis. Afinal, tanto Pinheiro como Antônio Lopes basearam suas preleções em recortes de jornais em que Pepe não teria brilhado exatamente pela modéstia. "Fui mal interpretado", desconversava. "Mas ninguém pode negar que o São Paulo é o melhor da praça."

GALHOFAS — Mesmo o melhor da praça, contudo, está sujeito a chuvas e trovoadas. "Por isso não podemos mudar nosso estilo", informava o lateral-direito Zé Teodoro. Recebia o socorro de Nelsinho: "Sempre que jogamos pelo empate, dançamos", argumentava o outro lateral, citando as recentes derrotas para Internacional de Limeira (1 x 2) e Fluminense (0 x 1).

O mesmo raciocínio era desenvolvi-

NELSON COELHO



Pita: esperando oportunidade para contra-atacar no Maracanã

Multitermo Termolar. Mais quilômetros com menos de um litro.

Multitermo Termolar é a maior força pra quem faz esporte, vai pra praia, piscina, parque ou dá suas corridinhas. É só girar 1/2 volta e beber, direto no bocal. Multitermo tem 750 ml e mantém a bebida geladinha, a tiracolo. Vá mais longe com Multitermo Termolar.



MULTITERMO



Vamos Termolar?





EDU GARCIA

Régis, uma atuação irrepreensível: no gol estava com a visão encoberta

Preocupação: Sídnei sofreu uma torção no joelho

do por Pita. Atrapalhado com inúmeros pedidos de autógrafa, o meia filosofava: "O América será obrigado a tentar jogar", projetava. "É o melhor para a gente, pois os contra-ataques velozes são nossa especialidade." Silas dava-se ao luxo de galhofar: "Mas, se eles não saírem, ótimo. Fica 0 x 0 e estamos classificados".

Como segurança só dá problema quando mede mais de 1,90 m e bate em jogador, o São Paulo trata de se cuidar. Logo após a batalha de domingo, seis jogadores — Sídnei, Nelsinho, Rômulo, Darío Pereyra, Zé Teodoro e Bernardo — foram para o Hotel Transamérica. Sídnei por causa de uma preocupante torção no joelho e os outros por gripe. "Eles ficarão em recuperação preventiva", esclareceu o médico Marco Aurélio Cunha na falta de um eufemismo melhor para concentração. O América, que voltou ao Rio no

domingo mesmo, já na segunda-feira estava treinando. Está todo o mundo se aplicando, como canta o roqueiro Lobão. Cada um puxando para seu lado: "Se não fosse Careca seria 0 x 0 e a estrela dele não pode brilhar sempre", imaginava o lateral Paulo César, do América. "Na manha vamos chegar lá", rebatia o dono da estrela, todo excitado: "Preciso aumentar minha coleção de troféus".

**Ari Borges e
Betise Assumpção**



JUCA KFOURI

Empresas e clubes: um casamento feliz

"Quero ver por quanto tempo o torcedor lotará ginásios para gritar nome de banco ou fábrica de pneus." Era o vivido João Saldanha respondendo com ceticismo ao entusiasmo que os jogos de vôlei entre Pirelli e Bradesco causavam entre nós.

Não demorou muito para os fatos darem razão ao sábio João. O Bradesco vai fechando suas portas ao esporte e a Universidade Gama Filho segue em seu encalço. Tudo indica que quem quiser investir em esporte no Brasil precisa olhar para a singela realidade que faz dos clubes a base da vida esportiva nacional, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, Japão e União Soviética.

Para tanto, em primeiro lugar, será preciso vencer um tolo preconceito: o de que se uma empresa investir num clube de massa ganhará a antipatia das torcidas rivais. Será que, de fato, o torcedor do Vasco prefere a Esso à Petrobrás porque esta patrocina o Flamengo?

Parece que a solução está mais para o casamento da Fiat com o Minas, da marca Lubrax com o Flamengo, que o caminho até agora percorrido pela maioria das empresas.

O papel fundamental para o progresso esportivo brasileiro, que passa por investidores como Minercal, Lufkin, Pirelli, Sears-Ultracred e tantos mais, talvez esteja precisando de uma boa repensada, transferindo seus inves-

timentos para os clubes mais queridos e dotando-os do oxigênio de que a infra-estrutura de cada um deles necessita. É claro que para isso será preciso que os próprios clubes se organizem de forma moderna, garantindo a segurança do investidor, que não pode ficar na dependência dos caprichos de um presidente personalista.

Há muito para se discutir sobre o tema. É possível até que a melhor solução não seja a aqui renunciada, mas urge debater os rumos do esporte olímpico nacio-

Quem sabe se a solução para as empresas que estão saindo do esporte não esteja nos clubes?

nal neste momento que grandes empresas saem das quadras, pistas e piscinas.

AS FINAIS DA COPA — Neste domingo começam as finais da Copa Brasil. Até aqui, desde que ficaram apenas dezesseis clubes, só Bahia e América conseguiram reverter situações de desvantagem, façanha que o São Paulo ameaça repetir na semifinal.

É verdade que o tricolor e o Guarani estão em situação bem melhor que América e Atlético, embora não possam cantar vitó-

ria ainda. Se der a dupla paulista, pela terceira vez dois clubes de São Paulo estarão decidindo o campeonato nacional.

Sem "seguranças", pelo amor de Deus.

MENGÃO SÓ — O Fla, mesmo que ainda isoladamente, vai cumprindo vigorosamente seu papel renovador no futebol. Envolvendo até mesmo o presidente José Sarney, Márcio Braga abre espaço para denunciar os desmandos das Federações biônicas e de figuras espúrias como Rubens Hoffmeister.

Na semana passada, Braga fez chegar ao Planalto seu protesto contra o cartola gaúcho que andou cuspiendo para o alto ao classificar o correto presidente Manuel Tubino, do CND, como ditador e fascista, numa atitude típica de quem não se olha no espelho por temer a imagem refletida. Braga pediu, ainda, a suspensão do repasse de 1,2% dos recursos da Loteria Esportiva às Federações, tal é a baixa representatividade e alto teor de corrupção das mesmas.

Quando a palavra de ordem na Constituinte deverá ser pela autonomia dos clubes, seria de boa política que os grandes do Brasil não deixassem o Flamengo solitário, impedindo que a ciúmeira fale mais alto que os óbvios interesses deles mesmos.

Já está na hora de os grandes clubes assumirem a força que têm no cenário futebolístico brasileiro.

UM TROFÉU EM BOAS MÃOS

Goleadores do Brasil, Careca, do São Paulo, e Evair, do Guarani, se encontram e cobiçam a Bola de Prata

Um é debochado e brincalhão. O outro, discreto e acanhado. Juntos, porém, eles já somavam 44 gols nesta Copa Brasil antes da rodada de domingo passado. Ou seja: o poder de fogo de Careca, do São Paulo, e Evair, do Guarani, era maior que o apresentado pelo ataque inteiro dos outros semifinalistas, América (28) e Atlético (35).

A convite de PLACAR, esses dois talentosos centroavantes se encontraram na última sexta-feira. O objetivo? Conhecer de perto a Bola de Prata destinada ao artilheiro do campeonato. Eles a disputam palmo a palmo — ou melhor, gol a gol. O jogador do Guarani levava a melhor, pois balançara as redes adversárias duas vezes a mais que o são-paulino: 23 a 21.

Goleadores espertos, mostraram muito respeito recíproco. Eles se enfrentaram poucas vezes e mal se conheciam. O impagável Careca, porém, não perdeu tempo. De olho no troféu, resolveu fazer a proposta. “Quer dividir meio a meio, agora que você tem 23? Aproveita porque depois não tem conversa”, divertia-se.

RECORDANDO 1978 — O tímido Evair preferiu sorrir. “Na verdade, eu nem pensava ser artilheiro”, confessou. Afinal, foi só no início do ano passado, quando o centroavante Edmar deixou o Bugre, que Evair passou a usar a camisa 9. “Eu era meia e disputava posição com craques como

Neto e Barbiéri”, lembrou. Ainda hoje, e mesmo em vantagem, ele não se preocupa em ser ultrapassado na artilharia. “Receber o prêmio será uma felicidade enorme, mas o importante é ajudar meu time a ser campeão brasileiro novamente”, explicou. Boa lembrança.

Em 1978, quando o Guarani abocanhou seu primeiro e único título nacional, o centroavante do time era um garoto de 17 anos, habilidoso e oportunista. “Nosso time era parecido com o atual: valente, humilde e bem montado”, recordou Careca, um dos diamantes daquela equipe inesquecível. Com conhecimento de causa, o centroavante tricolor só aconselhou Evair a continuar o mesmo. “A cobrança vai aumentar muito e, se ele ficar dois jogos sem marcar, vão querer Careca de volta”, brincou.

As coincidências entre os cidadãos Antônio de Oliveira Filho, 26 anos, 1,78 m, paulista de Araraquara, e o mineiro Evair Aparecido Paulino, 1,83 m, que completa 22 anos neste sábado, 21, não param aí. A pequena Crisólia, cidade de apenas 3 000 habitantes, onde nasceu o artilheiro bugrino, fica a menos de 10 km de Ouro Fino, terra natal de Maria de Fátima Freitas, mulher de Careca. Durante o almoço, eles lembraram os fazendeiros e os famosos leilões de suínos da região. ▷

EDUARDO POZELLA



*Evair e Careca:
juntos, mais
gols que times
inteiros*



Além dos gols, duas carreiras muito semelhantes

Em 1981, quando resolveu ser jogador de futebol, o garoto Evair, então com 15 anos, procurou os juniores do São Paulo. Com a mesma idade, Careca apresentou-se no Brinco de Ouro, em 1976. A diferença é que os bugrinos enxergaram rapidamente o talento do franzino guri. Já Evair passou apenas quinze dias no Morumbi e foi dispensado. Outra semelhança: ambos eram torcedores do Santos, antes de trocarem as arquibancadas pelos gramados.

NOME AOS GOLS — Com a bola nos pés, os dois têm feito misérias na Copa Brasil. Bons exemplos foram os gols marcados por Careca, contra o Fluminense, na última quarta-feira, e o segundo de Evair, contra o Bahia, no domingo anterior. E foi este tiro de pé esquerdo que motivou o centroavante do Guarani a dar nome aos gols — coisa que Careca já faz há um bom tempo. Dois dias depois, Evair conheceu o garoto Marcos, 18 anos, bugrino fanático. “Ele me mostrou os pulsos machucados de tanto comemorar meu gol”, conta Evair. Emocionado, ele batizou seu gol de pênalti (quinta-feira, também contra o time baiano, em Campinas) de “Marcos”.

Por tudo isso — e pela categoria indiscutível dos dois artilheiros —, a disputa pela Bola de Prata promete muito mais emoção daqui para a frente. Diretamente, eles não admitem que desejam apenas o prêmio. Com o troféu na mão, contudo, não esconderam a cobiça. No final, ambos poderão ser premiados. Evair pela artilharia, Careca como o melhor centroavante (veja a colocação na página seguinte). Ou vice-versa. De qualquer forma, a Bola ficará em boas mãos.

Betise Assumpção
e Gerardo Landulfo



No almoço promovido por PLACAR: lembrando os bons tempos de guris do interior

FOTOS NELSON COELHO



“É clássico, oportunista e veloz”

EVAIR SEGUNDO CARECA

“Foram poucas as vezes que vi Evair jogar. Duas ou três, no máximo. Mas já assisti a muitos de seus gols na televisão. Deu para perceber que ele está sempre bem colocado e aparece para conferir na hora certa. É oportunista, acredita em todas as jogadas, mas não é fominha.

“Evair tem um estilo bastante clássico, evidenciado pelo seu bom domínio de bola e visão de jogo. Chuta bem tanto com a perna direita quanto com a esquerda. Além disso, leva a vantagem de ser alto e ter mais facilidade para cabecear. É, taí um concorrente que merece todo o respeito.”



“Simplesmente um jogador completo”

CARECA SEGUNDO EVAIR

“Acompanho a carreira de Careca desde a grande conquista do Guarani, campeão brasileiro em 1978. Aos 17 anos, ele já era considerado um fenômeno. Hoje, é simplesmente um jogador completo. Como todos viram, o homem arrebentou na Copa do México e ganhou fama no mundo inteiro.

“Quando pequeno, no interior de Minas, admirava muito Reinaldo, centroavante do Atlético. Acho que Careca possui a mesma técnica, com maior velocidade e resistência física. Para ser sincero, é uma honra disputar a Bola de Prata com um craque como ele. A parada é dura, mas dá para chegar lá.”

XVII BOLA DE PRATA

Dois novos líderes: o volante Bernardo, que ainda pode melhorar sua média, e o ponta Róbson, que não joga mais e só torce

GOLEIRO

1.º Zé Carlos (Fla)	7,59
2.º Luís Henrique (Cri) e Régis (Amé)	7,55
4.º Gilmar (Ban)	7,46
5.º Martorelli (Pal)	7,44
6.º Carlos (Cor)	7,42

LATERAL-DIREITO

1.º Alfinete (Joi)	7,29
2.º Zanata (Ba)	6,95
3.º Luís Carlos (Inter-RS)	6,75
4.º Édson (Cor) e Marco Antônio (Gua)	6,60
6.º Paulo Roberto (Vas)	6,53

ZAGUEIRO-CENTRAL

1.º Benê (Amé)	7,11
2.º Ricardo (Flu)	7,09
3.º Alexandre Torres (Flu) e Ricardo (Gua)	7,00
5.º Wágner (SP)	6,94

QUARTO-ZAGUEIRO

1.º Darío Pereyra (SP)	7,46
2.º Aloísio (Inter-RS)	7,28
3.º Vágner (Pal)	7,18
4.º Mozer (Fla)	7,13
5.º Luizinho (Atl-MG)	7,11
6.º Gilson Jáder (Gua)	6,83

LATERAL-ESQUERDO

1.º Eduardo (Flu)	7,16
2.º Nelsinho (SP)	7,11
3.º Zé Mário (Gua)	6,94
4.º Aldair (Fla)	6,73
5.º Wladimir (PP)	6,71

MÉDIO-VOLANTE

1.º Bernardo (SP)	7,23
2.º Douglas (Cru)	7,21
3.º Jandir (Flu)	7,15
4.º Andrade (Fla)	7,06
5.º Aírton (Inter-RS)	7,00
6.º Elzo (Atl-MG)	6,86

MEIA-ARMADOR

1.º Pita (SP)	7,55
2.º Zenon (Atl-MG)	7,31
3.º Renato (Amé)	7,26
4.º Gérson Caçapa (Pal)	7,11
5.º Marco Antônio Boiadeiro (Gua) e Vanderlei (Cri)	7,00

PONTA-DE-LANÇA

1.º Jorginho (Pal)	7,53
2.º Silas (SP)	7,35
3.º Éverton (Atl-MG)	7,26
4.º Barbiéri (Gua)	7,20
5.º Tita (Inter-RS)	7,16

PONTA-DIREITA

1.º Róbson (Cru)	7,10
------------------	------

2.º Maurício (Bota) e Sérgio Araújo (Atl-MG)	7,06
4.º Müller (SP)	6,88
5.º Osmarzinho (Atl-GO)	6,84
6.º Chiquinho Carioca (Gua)	6,78

CENTROAVANTE

1.º Careca (SP)	7,83
2.º Luisinho (Amé)	7,35
3.º Evair (Gua)	7,31
4.º Mirandinha (Pal)	7,27
5.º Washington (Flu)	7,07
6.º Cláudio Adão (Ba)	7,00

PONTA-ESQUERDA

1.º João Paulo (Gua)	7,47
2.º Valdo (Grê)	7,05
3.º Edu (Pal)	6,83
4.º João Paulo (Cor)	6,77
5.º Romário (Vas)	6,70
6.º Sínei (SP)	6,68

BOLA DE OURO

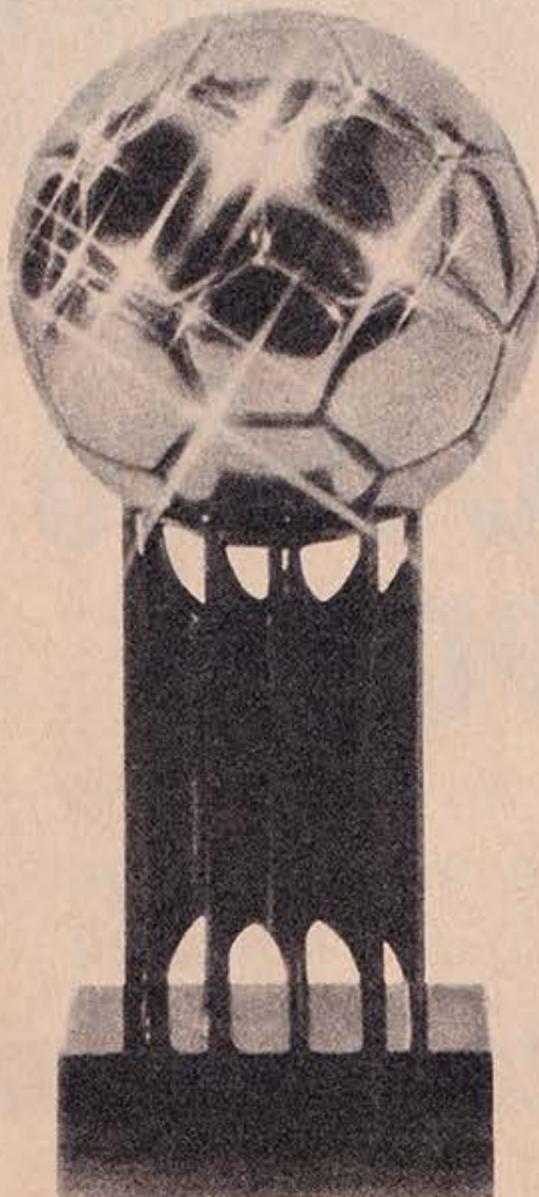
1.º Careca (SP)	7,83
2.º Zé Carlos (Fla)	7,59
3.º Luís Henrique (Cri), Régis (Amé) e Pita (SP)	7,55
6.º Jorginho (Pal)	7,53
7.º João Paulo (Gua)	7,47

As notas da Bola de Prata, é sempre bom lembrar, passaram a ser computadas apenas na segunda fase da Copa Brasil. Os jogadores que não conseguiram alcançar o número mínimo de doze partidas, previsto no regulamento, já foram eliminados. Não estão incluídas as notas do fim de semana passado.



CARLOS FENERICH

Bernardo, do São Paulo



AMANCIO CHIOLDI

Róbson, do Cruzeiro

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ